

ASSIGNATURAS

Corte, anno.....	10\$000
Semestre.....	5\$500
Trimestre.....	3\$000
Mez.....	1\$000

Pagamento adiantado

O SORRISO

ASSIGNATURAS

Provincias, anno.....	12\$000
Semestre.....	7\$000
Trimestre.....	4\$000
Mez.....	1\$500

Pagamento adiantado

JORNAL SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

Dedicado ás Moças Brasileiras

PROPRIEDADE DE M. J. MACHADO & F. A. COSTA

PUBLICA-SE DUAS VEZES POR SEMANA

Numero avulso 100 rs. Edição especial do assignante 200 rs.

COLLABORAÇÃO FRANCA AOS ASSIGNANTES

Collaboradores effectivos:—Drs. Mello Moraes, Luiz Cardoso, Bernardino Bormann, Macedo de Aguiar, Agostinho de Araujo, Senna Campos, Alfredo Gomes e Symphronio Cardoso.—Com-mendador Constantino do Amaral Tavares, Augusto Emilio Zaluar, J. M. Tavares, F. A. Costa, etc.

ESCRITORIO E REDACÇÃO

N. 28 Rua de Gonçalves Dias N. 28

Anno I Rio de Janeiro, 9 de Outubro de 1880 N. 3

Sobre modas

No estado actual da hygiene, ás suas prescripções deviam sujeitar-se todas as modas. De accordo com as leis estabelecidas por essa grande sciencia, dia virá em que procedam as administrações sollicitas, não consentindo usos contrarios á saude, que tanto a deterioram, embaraçando ou viciando o desenvolvimento do corpo.

Actualmente, tendo-se em vista apenas acompanhar a capital mais civilisada da Europa, adopta-se ainda servilmente suas modas e costumes, pondo-se de parte esta-ção, clima e habitos forçosamente diversos entre povos differentes de origem e educa-ção.

Ficam abafadas pelo ridiculo, como se deu nos Estados-Unidos, as tentativas de sublevação contra essa subserviencia ne-fasta; entretanto em nenhum paiz, cremos, mais se accentúa ella do que no Brasil.

E' sabido que na occasião em que entre nós reina em sua intensidade o estio, ge-lam os rios na Europa, e para se precaver das intemperies o povo forrá-se de lã e usa dos vestuarios afogados e justos ao

corpo. Os jornaes de modas desenhão os figurinos da epocha, exportam-n'os e a lã domina até nós, provocando pela differença de estação e clima as transpirações abundantes que depauperam o organismo e em seguida, quando os individuos se libertam bruscamente de tão incommodas roupas, os resfriamentos constantes e suas conse-quencias fataes; mas o que vale isso diante da vaidade de *andar á moda*?

Invade o verão a Europa, é a epocha dos vestuarios leves e amplos que não im-peçam a ventilação do corpo e não pro-voquem transpirações excessivas; pois bem, as moças brasileiras, que temem se as diga *jóra da moda*, adoptam sem restricções os novos figurinos, admirando-se entretanto do sequito de laryngites, bronchites, e tuberculose afinal, para que não faltam predisposições.

Abramos um parenthesis para confessar que todavia é menos de extranhar esse facto que o da importação dos patins. E' realmente irrisoria essa idéa de patinação em um paiz em que o gelo nem se accom-moda aos cimos dos montes e onde não ha necessidade de semelhante exercicio para

aquecer o corpo. O *Skatink-Rink* produziu suas consequências inevitáveis, foi uma catastrophe e os cirurgiões tiveram muitos braços e algumas pernas a concertar.

Fechemos o parenthesis.

Além das modas improprias ha outras eminentemente prejudiciaes.

Apontaremos ligeiramente algumas.

O uso de tranças posticas com que se recreiam, não diremos as que pouco cabello possuem, mas muitas outras moças que dellas não necessitam, traz por excessivo calor a queda dos cabellos proprios, e violentas dores de cabeça, nevralgias intensas, etc.

Merece especial menção o uso censuravel do carmim com que se cõra as faces, do nankim com que se sombrêa as palpebras ou do fumo com que se ennegrece as sobrancelhas e cremes e tantas preparações para ostentar disparatamente o rubor d'uma saude de emprestimo, ou a alvura d'uma pallidez *romantica*, ou os olhos pisados de vigílias *aristocraticas*. Isto depõe até contra o character e educação de uma moça.

Si longe de se alimentar insufficientemente para fazer admirar a delgadeza de uma cintura de sylphide; si longe de se conservar na quietação do lar, na ociosidade que dá azas á imaginação em prejuizo da sã razão e de saude, as moças se entregassem ao exercicio ao ar livre, sem medo que as damnificassem o sol, e as correntes atmosphericas, si se alimentassem abundantemente, sem medo de se deformarem, seriam naturalmente córadas e fortes e não careceriam de certo dessas preparações com que o artificio francez procura illudir, mas só o faz aos cegos.

Não ha esponjas, nem pinceis nem pas-

tas nem habilidade de moça capazes de dissimular a pintura que as nivela com as outras. Por sob a tiuta mais diaphana vê-se a vaidade, ou a molestia; eis o que é certo e positivo, além do engrossamento da pelle, que se torna ao mesmo tempo aspera secca e manchada.

Tratemos agora dos colletes justos contra os quaes tanto se tem fallado, mas em vão. Na exaggeração de o apertar por vezes quasi se estrangulam as mulheres.

Que importa o figado, os rins e mais órgãos da cavidade abdominal abandonem seus logares e relações? Que importa inflammem-se as visceras, enfraqueça a respiração por funcionamento incompleto do pulmão, sigam-se molestias de órgãos delicadissimos? Tem-se uma cintura encantadora, delgadissima e eis tudo.

Ha ainda a moda dos sapatos com salto de metro e meio collocados no meio da sola, como se fosse possivel fazer á força pé pequeno, e andar graciosamente ao mesmo tempo.

Deriva dahi esse modo de pisar vicioso, que inclina o corpo para diante, como penitentes eternás, curvadas, a bater nos peitos.

Citaremos, tambem, apenas uma das modas contrarias á decencia: essa da justeza dos vestidos, peiando os movimentos e desenhando as fórmãs, ou si se nos permite dizer, deixando-as vêr por transparencia.

Esta implica mais directamente com as autoridades domesticas.

Quem consente, approva.

.

Ahi ficam, amaveis leitoras, a traços largos, uns protestos contra os quaes *protestaes* de certo.

Occupei inutil e indevidamente as columnas deste periodico, visto que não tenho por mim a sensatez, nem a experiencia d'um ancião as quaes me autorisem a tratar bem e proveitosamente d'este assumpto.

Quem vos escreve e desagrada com tal artigo admira-vos, é certo, mas lastima, quando vos reconhece victimas de modas exageradas e damninhas.

Não me incumbistes disto, não é assim? Pouco importa.

S. JUNIOR.

Não quero brincar

Pedi-te oh faceira,
Cruel feiticeira,
Um simples olhar,
Fugiste... córando,
E voltas zombando...
Não quero brincar!

Pedi-te um abraço,
Temeste o laço,
Que amor faz ligar!...
Tão cedo me chamas?
De amor já te inflamas?
Não quero brincar!

Pedi-te um beijinho
Com tanto carinho,
Podeste-o negar?...
Vai prestes embora!
Comtigo já agora
Não quero brincar!

E vaes-te, arrufada,
Commigo zangada,
Distante sentar?

Eu soffro e vario;
Mas hoje por brio
Não quero brincar!

Que vejo! tu choras?
Perdão tu imploras?
E vens me affagar?!...
Vem, mimo querido,
Saudoso te digo
Já quero brincar.

Abraços ardentes,
Beijinhos ferventes
Vieste me dar?
A todo o instante,
De amor delirante,
Já quero brincar.

E quando pensares
Em me procurares.
P'ra beijos me dar,
Não creias que eu diga,
Gentil rapariga,
Não quero brincar!...

DR. LUIZ CARDOZO.

Por causa d'um primo

(SCENA DE CIUMES)

I

Isabel e Olympia são duas moças, a primeira de dezoito e a segunda de vinte annos, ambas galantes, espirituosas e prendadas, que vivem em companhia de sua avó materna, respeitavel senhora dos seus sessenta janeiros, que vê toda a sua felicidade n'aquellas duas netas.

Ambas jovens, ricas e instruidas, as duas moças viveram sempre na melhor

harmonia, satisfazendo os caprichos uma da outra, notando-se-lhes apenas o grave defeito de escarnecerem de tudo e de todos, pelo que eram consideradas o terror da rua do Cattete, onde moravam.

Orphãs desde tenra idade, as duas irmãs habituadas a tudo fazerem, sem que alguem lhes fosse á mão, a tudo exigirem sem que se lhes negasse a menor coisa, assim cresceram e desabrocharam estas crianças, no meio da maior liberdade, ouvindo galanteios de um, frivolidades de outro, o que acabou para tornal-as vaidosas.

A janella, que lhes fôra passatempo' havia muito, por defronte da qual não passava um moço, pacato ou audaz, que não servisse de alvo aos seus motejos, era-lhes agora motivo de aborrecimento, porque a vaidade precisava ostentar-se, e aquelle não era o seu lugar mais proprio.

Phantasiaram os mais esplendidos bailes, elegantes toilettes e paseios de carro, e o programma foi minuciosamente detalhado entre as duas, que gritaram: Eureka! porque ambas considerando-se uma só entidade, um unico pensamento, n'isso concordaram.

Um ponto negro, porém, veio escurecer o mais claro deste horizonte: faltava-lhes alguem que as acompanhasse.

Era preciso, portanto, desatar este nó, pois nada mais faltava: nem dinheiro nem luxo, nem carro.

Foram aconselhar-se com a avó, que ouviu, paciente, a longa historia dos seus devaneios, sem que se lhe notasse a mais leve contrariedade.

A pobre velha, desejosa de satisfazer as, encolheu os hombros, dizendo:

— Eu não posso. Escrevam ao primo e...

— Mas a avózinha não sabe que estamos de relações cortadas?

— Sim, é verdade; porém não vejo outra pessoa. Se querem, reconciliem-se.

Ora, as moças, por demais orgulhosas para fazerem as pazes, com o unico primo que havia na familia, porque tivera a audacia de, n'um assomo de raiva, chamar-lhes de delambidas, não acharam rasoavel o alvitre proposto, pois tinham já passado dous annos que não se fallavam, e resolveram pensar.

Estava o orgulho em lucta com a vaidade.

Se escrevessem ao primo, elle não seria de certo tão grosseiro que se recusasse a tal convite, o que satisfaria a vontade das duas irmãs; não o fazendo, seriam ellas as prejudicadas, pois continuariam no mesmo viver d'outr'ora, o que era realmente insipido, monotono para moças cujas vistas eram mais elevadas.

Afinal, Olympia, a mais joven, rompeu o silencio:

— Vamos escrever ao primo!

Isabel, que ha maistempo quizera ter tomado esta resolução, pulou de contente, dizendo:

— Vamos.

A vaidade venceu e as duas irmãs encaminharam-se para uma meza.

F. ARTHUR COSTA.

(Continúa.)



Decepção

(SONETO REALISTA)

Era uma vez, leitor, uma gentil mocinha
 Bem disposta, elegante, esbelta e mui vaidosa :
 Tinha a face corada e neste céu de rosa,
 Asteroide sem luz, surgia uma pintinha.

Qual d'um throno opulento, esplendida rainha
 Sobre mil corações reinava imperiosa,
 E o que assim a fazia amada e poderosa
 Era a pinta engraçada, a pinta que ella tinha.

Muita lyra afinou-se e os estros sublimados
 Deram por um bom verso uns dez ou mais quebrados,
 Gastando o tal signal muito papel e tinta.

Eis que um dia um peralta, ousado D. João,
 Foi beijar a lentilha !... oh grã decepção !
 A seus labios sentio que se grudára a pinta.

S. JUNIOR.

**Serões da Província**

POR

JULIO DINIZ**AS APPREHENSÕES DE UMA MÃE**

Com grande espanto meu ella olhava-me de longe sorrindo e na apparencia decidida a dirigir-me a palavra. Não tendo, como é de crêr, motivos para me receiar da apparição, conservei-me immovel, absorvida agradavelmente a contemplal-a. Mas afirmando-se melhor em mim, quando a distancia de me poder fallar, a gentil rapariga, fitou-me uns olhos espantados, baixou-os immediatamente, córou a ponto de rivalisar com a pequena rosa que trazia ao peito e apressando o passo, como anciosa

por fugir ás minhas vistas, apenas murmurou, ao passar e sem erguer os olhos, a singela saudação, usada pela gente dos campos: — *muito bons dias*. Apesar da voz quasi sumida, com que estas tres palavras foram pronunciadas, affigurou-se-me d'uma melodia encantadora.

Respondi-lhe simplesmente ao cumprimento, abstendo-me, como d'um sacrilegio, de acrescentar uma unica phrase, que se similhasse a galanteio. Tal era a atmosphera de virginal castidade, que me parecia envolver esta poetica creatura.

Segui-a com a vista emquanto pude, até que a vi desaparecer u'uma das voltas do caminho, no mesmo momento em que apparecia o sol, por detraz da colina fronteira, dando-me a entender que era tempo de voltar a casa, para não ser logo no mesmo dia inexacto á hora do almoço, que tão cuidadosamente me communicára na vespera a Sra. de Entre-arroios.

Abandonei pois este lugar, onde experimentára tão vivas impressões moraes, para procurar aquella outra especie de impressões, cuja physiologia melhor que ninguem as experimentava, Brillat-Savarin, o medico gastronomo.

Na sala do almoço encontrei já a Sra. de Entre-arroios, occupando o throno que como chefe de familia, de direito lhe pertencia. Era uma d'estas antigas cadeiras de couro lavrado, guarnecida de reluzentes taxas amarellas, a qual, attento o seu peso, só quasi por antiphrase se poderia chamar um dos moveis da casa; nossos avós as inventaram para se sentarem, assim como nós inventamos as modernas paar fingir que nos sentamos.

Numerosas gerações de nobre familia de Entre-arroios, haviam conhecido e acatado

esta cadeira historica, que tivera já a honra. disse-me a Sra. D. Margarida com um movimento de justa vaidade, de ser occupada um dia inteiro por um arcebispo de Braga, durante uma excursão pela diocese.

D. Margarida saudou-me com o mais amavel dos seus sorrisos, e dirigiu-me duas graças benevolmente maliciosas, sobre o meu passeio em jejum, terminando por me collocar á sua direita, defronte d'um magnifico chocolate que devéras me deleitou.

Com a curiosidade, que é de prever, pedi novas do *bijou* da familia. O Thomazinho, disse-me a Sra. D. Margarida, passára mal a noite e exigira que ninguem entrasse no quarto, por causa d'uma intensa dôr de cabeça, que lhe costumava dar muitas vezes.

— Ah! muitas vezes?

— A cada passo.

— E ha muito que soffre d'essas... dôres de cabeça?

— Ha coisa de alguns mezes a esta parte é que elle se principiou a queixar. Isto ha de ser do sol...

— Tambem creio, minha senhora. O sol faz muito mal e em certas idades sobretudo. E que diz a isso o doutor?

Eu sempre gostei de vêr os medicos explicarem certas coisas.

— O medico, respondeu-me D. Margarida, diz que aquillo é força de sangue e até propoz uma sangria.

— Ah! e seu filho, minha senhora?

— Não quiz ouvir fallar em semelhante coisa.

— E' que talvez então se achasse melhor.

— Effectivamente passou algum tempo mais alliviado, mas depois, voltou-lhe.

— E hoje?

— Levantou-se pela manhã muito cedo e sahiu. Diz que lhe fazem muito bem estes passeios.

— A's dôres de cabeça?

— Sim; pois é toda a sua doença.

— De certo que devem fazer.

Quando acabava de receber estas informações, para mim bastante significativas, a porta da sala abriu-se e o menino Thomaz entrou em scena.

— Fallai no ruim, olhai para porta, foram as palavras com que a senhora de Entre-arroios saudou o recém-chegado, para quem lançava uns olhos a trasbordarem de amor maternal.

Thomaz beijou com affecto a mão da mãe e inclinou-se cortezmente diante de mim, depois que a Sra. D. Margarida, m'o apresentou com todas as formalidades.

Um primeiro olhar lançado sobre Thomaz, me fez desde logo sympathisar com elle.

Era ainda imberbe, algum tanto pallido, com uns languidos olhos castanhos, que se presentiam talhados para contemplações poeticas, os cabellos negros naturalmente annelados e compridos, a fronte espaçosa, a bocca de uma expressão melancholica; tudo n'aquella physionomia revelava sentimentos nobres e generosos, elevados brios, talvez uma excessiva sensibilidade, e um espirito facil em impressionar-se; graves defeitos, para quem desejar viver em paz n'este mundo.

(Continúa)



Verdadeiro pudor

Eu vi na haste pendida,
Do pudor o casto emblema ;
Dos anjos, irmã dilecta,
Dos jardins o diadema.

Dos prados aerios sonhos,
Das brisas contentamento;
Dos beija-flores dourados
Constante entretenimento.

Era uma roza de Abril,
De primoroso matiz,
Que do orvalho despresada
Se definhava infeliz.

Ajoelhei-me confuso...
Pedi-lhe um beijo de amor,
Como uma prece rendida
A'quella estatua de dor.

Repelliu-me desdenhosa,
Não aceitou meus carinhos
E nos meus labios cravou
Duramente os seus espinhos.

Agora vejo que a flor
Não tem pudor verdadeiro,
E' por cautela guardada
Em completo captiveiro.

Tu és por certo mais casta,
Meu anjo! com mais razão,
A ti pertence o pudor,
Concentra-o no coração.

A flor precisa de espinhos,
Para viver innocente,
E tú, tão meiga, tão casta,
Conserva-te independente.

E' que a flor, meu anjo amado,
Findando os martyrios seus,
Acaba ; e tú, meu encanto,
Vais viver junto de Deus.

Teu pudor de Deus herdaste,
A roza o herdou do fado ;
Razão porque a florinha
Precisa extranho cuidado.

Deus como auctor do Universo
E Uni-Sciente Senhor,
Deu singeleza á virtude
E á primavera verdor !

Bordou o espaço infinito
Com cambiante fulgor,
E de seu seio divino
Deu á mulher o pudor !

Dr. LUIZ CARDOSO.

**A ROSA E A BORBOLETA**

(BERNARDIN DE ST. PIERRE.)

O poder animal é de ordem muito superior ao vegetal. A borboleta é mais bella e mais bem organisada que a rosa. Vêde a rainha das flores, formada de porções esphéricas tintas com a mais bella das cores, em contraste com uma folhagem do mais bello verde e embalada pelo zephyro ; a borboleta vence-a na harmonia das cores, das fórmas e dos movimentos.

Considerai com que arte são compostas as quatro azas com que vòaa, a regularidade das pequenas escamas que a revestem como pennas, a variedade de seus brilhantes matizes, as seis patas armadas de pequeninas garras, com que resiste aos ventos quando se acha em repouso, a tromba encaracolada com que suga o alimento do seio das flores, as antenas, órgãos delicados do tacto, que lhe corôam a cabeça, e a rêde admiravel de olhos de que é rôdeada, em numero de mais de doze mil.

Porém o que a torna muito superior á rosa, é que ella possui, além da belleza das fórmas, as faculdades da vista, ouvido olfacto, gosto, sentimento, movimento, vontade, emfim uma alma dotada de pai-

xões e de intelligencia. E' para nutril-a que a rosa entreabre as glandulas nectareas de seu seio; é para proteger seus vãos collados como um bracelete em volta de seus ramos, que a rosa é rodeada de espinhos.

A rosa não vê, nem ouve a criança que corre para colhel-a; mas a borboleta, pousada sobre ella, escapa á mão preste a agarral-a, eleva-se nos ares, abaixa-se, afasta-se ou se reapproxima; e, depois de ter zombado do caçador, toma o vão e vae procurar sobre outras flores um retiro mais tranquillo,

(TRAD. DE S. JUNIOR.)

MOSAICO

Semana de vadio

No domingo nada faço
 Porque sou fiel christão;
 Na segunda porque abraço
 Da preguiça a profissão;
 Na terça porque o cansaço
 Me obriga a ser mandrião;
 Na quarta não dou um passo
 Porque temo dal-o em vão;
 Na quinta porque adoço
 Com medo de trabalhar;
 Na sexta porque padeço
 D'uma affecção pulmonar;
 Sabbado porque conheço
 Que é preciso descansar.

PROBLEMA

Casou Duarte com Rita
 por esperta, mas mui feia;
 casou Gil com Dorotheia,
 que é mui tôla, por bonita.
 Por ser rica, com Ignez
 casei eu, mas que demonio!
 Pergunto — qual matrimonio
 é preferivel d'estes trez?



MENDIGO DOUTOR

Prenderam rapaz ladino
 porque em plena capital
 contravia um edital
 em nome do amor divino.
 — E' forte imprudencia a tua!
 diz-lhe o regedor; não vês
 que é vedado ha mais d'um mez
 pedir esmola na rua?
 — Men senhor, eu não pedia.
 — Mas estendas a mão.
 — Não a isso.
 — A que então?
 — A averiguar se chovia.



CHARADAS

I

1—1—Muitas vezes o contacto da primeira produz a segunda.

II

—1—2—Dá luz e calor, fortuna e ruína, defende e agride.

III

2—2—A's bordas do segundo muitas vezes nasce a primeira, e alado gorgéia.

IV

2—1—A grande cidade amarra este cidadão.

Um mez de assignatura d'este jornal ao primeiro decifrador.

